

# *Bracara Augusta* – periferia imediata

## Francisco de Sande Lemos

### 1

#### Introdução

Na imagem divulgada pela excelente reconstrução virtual de *Bracara Augusta* o espaço que envolve as muralhas da urbe é representado por um terreno liso, com algumas árvores. De facto, a faixa que envolvia a cidade era menos monótona. Não existiam arrabaldes, estruturados ao longo das vias, como na Idade Média, pois as margens dos caminhos, que partiam da cidade, eram reservados aos mortos. Todavia, uma série de diferentes elementos rodeavam *Bracara Augusta*, numa faixa aproximada de 200 a 300 metros. Embora os dados sejam limitados já é possível facultar uma primeira imagem dessa envolvente. Muito mais se conheceria se tivesse havido o indispensável acompanhamento das urbanizações do antigo edifício municipal da Rua da Cruz da Pedra e garagem dos Serviços Municipalizados, bem como dos quintais que se dispunham a oeste do Solar dos Cunhas Reis, duas áreas vastíssimas sobre as quais nada se sabe.

Enfim...

No essencial, a zona adjacente aos limites e muralhas de *Bracara* era ocupada por seis tipos de elementos distintos, a saber: vias; necrópoles; *insulae*; equipamento de lazer ou de abastecimento de água; campos de cultivo e lixeiras. A distribuição cartográfica destes diversos elementos, em redor da cidade romana já pode ser esboçada, embora trabalhos futuros possam alterar, ou concretizar a uma escala menor, esta primeira proposta <sup>1</sup>.

Um aspecto importante, que pretendemos sublinhar, é a diferença estrutural entre a envolvência imediata da urbe, e o seu *agger*, território mais amplo, organizado de acordo com outra matriz, e sobre o qual já nos referimos, embora parcelarmente, num texto sobre S. Victor (Lemos 2001). O anel que circundava a cidade era influenciada pela estrutura e malha urbana, enquanto o *agger* estava organizado segundo o cadastro.

Não se conhece a muralha do Alto-Império. Embora sem fundamento arqueológico firme pressupomos que o perímetro da muralha do Baixo Império seguiu, aproximadamente, o limite da cidade do Alto Império. De facto, a muralha do Baixo Império coincide com a distribuição periférica das necrópoles do Alto Império, o que é um poderoso argumento a favor de uma continuidade do espaço intra-muros. Não houve uma redução dramática da área interna, como se verificou em *Conimbriga* no século IV.

*Bracara Augusta*, no Baixo Império e na Antiguidade Tardia continuou a ser uma importante urbe, capital da *Callaecia*. A redução da superfície intra-muros apenas ocorreu nos séculos VIII e IX, no contexto das invasões islâmicas.

Vejam, de seguida, como se organizava a periferia imediata da cidade.

## 2 Sector Norte

Da porta norte arrancava a via que se dirigia para *Lucus Augusti*. De acordo com a malha da cidade romana, o caminho seguia em direcção ao topo sul do Campo da Vinha, onde foram encontradas sepulturas (fig. 1, n.º 1), quer na

Rua Alferes Malheiro, em 1953 (Cunha 1953, in Nunes e Oliveira 1988), quer nos terrenos onde hoje fica o Parque de estacionamento da Câmara Municipal de Braga, em 1995<sup>2</sup>.

Para leste da via ficava uma *insula* (fig. 1, n.º 2), edificada no Alto Império e que se manteve nos sécs. III e IV, bem como na Antiguidade Tardia. Desta *insula* apenas se conhece uma pequena parte, registada quando foram realizadas escavações no claustro adjacente ao chamado Salão Medieval (Lemos et al. 1988). Os muros exumados são insuficientes para ensaiar qualquer reconstituição arquitectónica. Inserem-se, todavia, na orientação habitual dos eixos de *Bracara Augusta*. Devemos admitir que, sob os alicerces do antigo Paço Episcopal, hoje ocupado pela Reitoria da Universidade do Minho, pelo Arquivo Distrital e pela Biblioteca Pública, se conservem os restantes vestígios do mesmo edifício romano. Para leste da *insula*, nas sondagens efectuadas no interior do quarteirão formado pelo limite oriental do Paço Episcopal, Rua de Souto, Rua Dr. Justino Cruz e Jardim de Santa Bárbara<sup>3</sup> (fig. 1, n.º 3), não foram encontrados nem ruínas nem sepulturas, pelo que supomos que esse espaço terá sido, na época romana, zona de cultivo, ou de jardins.

### 3 Sector Nordeste

A Nordeste ficava a saída para *Asturica Augusta*, cujo traçado ainda hoje pode ser facilmente identificado: rua de Janes; Largo do Castelo; Largo de S. Francisco; rua dos Chãos; rua de S. Vicente e, por aí adiante, em direcção ao vale do Cávado e à Serra do Gerês. No Largo de S. João do Souto e início da Rua de Janes conservam-se as ruínas de uma *domus*<sup>4</sup>. De acordo com o traçado da muralha baixo-imperial que propomos em diversos textos (Lemos et al. 2002; Lemos et al. 2002a) a dita *domus* ficava extra-muros. Todavia, desconhecemos, nesta zona, os limites da urbe do século I. Por outro lado, de acordo com sucessivas observações, no subsolo do Largo Francisco Sanches

conservam-se ruínas romanas pelo que parece tratar-se de uma mancha urbana contínua. Assim, até novos dados, não incluímos a referida *domus* na série de *insulae* que rodeavam a urbe romana, num anel com uma estrutura própria. Convém referir que o conjunto de Ruínas das Frigideiras, como é conhecido, estava claramente fora de muros, no Baixo Império, apesar de ainda estar ocupada nesse período.

Adjacente à *Via Nova*, no extremo oeste da Avenida Central, foram descobertas, em 1995, sepulturas romanas de cremação em covacho e de cista, com espólio contemporâneo da abertura do caminho (segunda metade do século I)<sup>5</sup> (fig. 1, n.º 4). No Largo de S. Francisco foi encontrada uma ara aos deuses viários, recolhida no Museu de D. Diogo de Sousa. Junto a esse altar os viandantes celebravam cerimónias e sacrificavam animais procurando saber se a viagem seria auspiciosa. Sobre esta necrópole, de acordo com a análise das curvas de nível, passava o aqueduto que conduzia a água das Sete Fontes para a cidade romana. De facto, julgamos que o muro noroeste da Cerca do antigo Convento dos Remédios fossilizou o traçado do aqueduto, entre a Rua da Água e o Largo Carlos Amarante. Aliás, pode observar-se, através do fundo de uma loja da Rua de S. Marcos (n.º ), que o aparelho do muro possui características invulgares. Convém referir que este não seria o único aqueduto, pois o manancial das Sete Fontes era insuficiente para abastecer uma cidade do tamanho de *Bracara Augusta*, conforme fez notar o especialista em urbanismo e arquitectura romana Theodor Hauschild quando visitou Braga e a zona em causa.

Mais para oriente, nos terrenos onde hoje fica a zona intermédia da Avenida da Liberdade, terminava a área da necrópole da *Via Nova* e dispunham-se campos de cultivo, com poços destinados a irrigação das hortas. Um poço-cisterna foi descoberto no local onde hoje se situa o edifício da MacDonald's (antigo Café Miragem) (fig. 1, n.º 5). Trabalhos arqueológicos realizados em prédios da banda sul da Avenida Central, designadamente no número 78-80, não revelaram estruturas arqueológicas, pelo que se pode afirmar que entre as duas necrópoles, a da *Via Nova* e da *Via XVII*, se regista um vazio, preenchido na época romana por campos de cultivo (fig. 1, n.º 6). Cumpre, no entanto, observar que esse vazio é quase inexistente entre os limites sul – norte das duas necrópoles, na faixa mais próxima da cidade.

## 4 Sector Leste

Os referidos campos separavam, pois a necrópole da via XVIII, ou *Via Nova*, ou Geira, da grande necrópole da cidade romana (fig. 1, n.º 7), a que marginava o caminho que levava de *Bracara* a *Asturica*, por *Aquae Flaviae* (Chaves) e *Roboretum* (Castro de Avelãs – Bragança). A via data da época do imperador Augusto e foi construída sobre o traçado de um caminho mais antigo, pré-romano, que ligava a Meseta ao litoral atlântico ocidental. Ainda hoje é possível seguir o traçado desta estrada na área urbana de Braga: saía do Largo Amarante pela rua Gonçalo Pereira, prosseguia pelo limites norte dos prédios da banda norte da Rua do Raio, cruzava o largo da Senhora a Branca, continuava pelas ruas de S. Vítor, D. Pedro V, Rua Nova de Santa Cruz, dirigindo-se para as cabeceiras do vale do Este e Serra do Carvalho. A necrópole da Via XVII é bastante extensa e já foram identificadas dezenas de sepulturas, tendo sido recolhidas diversas estelas funerárias: no Largo João Penha (Cunha 1967); na construção do edifício dos Correios (Cunha 1953); na Rua do Raio (Sousa 1966); nos caboucos do prédio 688-706 da banda leste da Avenida da Liberdade, bem como no que faz gaveto entre a avenida e o Largo João Penha (Cunha 1967); nas obras que precederam a construção do shopping Santa Cruz (Delgado 1985), nos desaterros do Parque subterrâneo da Cangosta da Palha (Delgado et al. 1987); na abertura do túnel da mesma Avenida<sup>6</sup> e nas recentes obras do Teatro Circo<sup>7</sup>.

De acordo com Alain Tranoy e Patrick Le Roux (1989/90), a partir da análise das estelas funerárias recolhidas, esta necrópole será a mais reveladora das funções políticas e administrativas da urbe bracarense, integrando militares, cidadãos livres, e libertos.

Tudo indica que as sepulturas mais antigas e mais ricas ainda estejam sob o pavimento do largo Carlos Amarante. Foi por esse motivo que, consultada sobre a construção de um parque subterrâneo neste Largo ou, em alternativa, na Avenida Central, a Unidade de Arqueologia aconselhou a última hipótese.

A oriente o limite desta necrópole parece ser a Cangosta da Palha (Rua João Cândido N. e Sousa). A norte quase se confunde com a da *Via Nova*. A sul o

limite seria a rua do Raio. Sabe-se, assim, que a necrópole se estende para o terreno que fica a sul do edifício dos Correios. Este terreno é, pois, de grande valor arqueológico.

A sul da ampla necrópole da Via XVIII, porventura a maior de *Bracara Augusta*, ficava uma *insula*, um vasto imóvel, propriedade de *Celico Fronto*, que mandou esculpir o Santuário da Fonte do Ídolo.

## 5 Sector Sudeste

A Fonte do Ídolo, segundo os dados arqueológicos de que dispomos, terá sido um santuário privado que se integrava numa vasta *insula*, (fig. 1, n.º 8) num complexo de construções, que abrangiam uma parte habitacional (a *domus*) e uma zona artesanal, provavelmente de têxteis. A área habitacional dispõe-se para sul da Fonte do Ídolo, enquanto que o conjunto de tanques e de outras estruturas ficava a sudoeste, próximo do actual Hospital da cidade. Devido ao brutal desaterro aberto em 1989, nunca será possível reconstituir esta *insula*. Teoricamente, parte das ruínas ficou sob o estacionamento a céu aberto, entre o edifício da “Loja do Cidadão” e as traseiras dos prédios da Avenida da Liberdade, conforme o acordo estabelecido com o proprietário do terreno.

Logo, a sul da zona edificada da *insula* de *Celico Fronto*, dispunha-se um terreno de cultivo, no local onde hoje se ergue o edifício dos Granjinhos (fig. 1, n.º 9). Podemos admitir que seria o *fundus* da casa de *Celico Fronto*. A oeste deste terreno de cultivo foi identificada uma necrópole, nos jardins da Santa Casa da Misericórdia<sup>8</sup> (fig. 1, n.º 10), com duas fases de enterramentos, no Alto e Baixo Império, como é habitual em *Bracara Augusta*. Associada a esta necrópole estendia-se o caminho que seguia para o vale do Ave, e daqui para o Douro, de onde continuava para *Emerita* (fig. 1, n.º 11). Entre a via para *Emerita* e a necrópole da via para *Cale*, da qual falaremos adiante, dispunham-se, de novo, terrenos de cultivo (fig. 1, n.º 12), sem estruturas, de acordo com o acompanhamento da construção do edifício de São Lázaro<sup>9</sup>.

Este indicador foi confirmado por sondagens mecânicas efectuadas nos terrenos do Sr. Jorge Carvalho (Lemos e Leite 1993 e 1994) e posterior acompanhamento dos desaterros. Foi detectada uma única sepultura isolada.

Ainda neste sector deve ser assinalada uma "lixreira", mais solta extra-muros e mais compacta no interior da muralha, em que predominam os fragmentos de ânfora, que se contam por milhares (fig. 1, n.º 13).

## 6 Sector 504

A necrópole da entrada/saída meridional de *Bracara Augusta*, a da via para *Cale* e *Olisipo* seria vasta e com sepulturas relevantes (fig. 1, n.º 14). Assim o indica o achado de várias estelas funerárias epigrafadas, estudadas por Alain Tranoy e Patrick Le Roux (1989-90). Todavia, a distribuição dos enterramentos desta necrópole é mal conhecida. O limite oriental seria na Rua de Sá de Miranda (achado de uma ânfora) e na Avenida da Imaculada Conceição, junto à estação de serviço. Neste ponto, quando se instalou um colector, foram encontradas diversas sepulturas rectangulares em tijolo, datáveis do Alto Império (Martins e Delgado 1989-90). Supomos que parte do cemitério romano ainda se conserva quer sob os jardins da Casa dos Avelares, quer sob o leito da supracitada avenida, quer, ainda, ao longo da rua Monsenhor Airosa que desce ao Rio Este.

A via que estruturava esta necrópole dirigia-se para *Cale* (Porto) e daqui para o sul, em direcção a *Scallabis* (Santarém) e *Olisipo* (Lisboa).

Logo a seguir à zona dos enterramentos, existia uma outra *insula*, infelizmente já destruída (fig. 1, n.º 15). A primeira referência a esta *insula* deve-se ao Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha que refere o achado de material arqueológico aquando da construção das oficinas da Livraria Cruz, na década de 60 (1960, in Nunes e Olveira 1988). De facto, quando se abriram os caboucos

para a construção do edifício da Vauxall, a leste do anterior, nos anos de 1978 e 1979 foram encontrados numerosos vestígios de muros romanos, que indicavam pelo menos duas fases de ocupação<sup>10</sup>. As estruturas registadas relacionam-se com a zona artesanal da *insula*, sendo possível que se tratasse de uma olaria. A descoberta de uma estátua sedente de grande qualidade, no mesmo local, sugere que, tal como nos Granjinhos, a *insula* se compunha de duas partes, uma destinada a habitação, outra a actividades artesanais. Por outro lado, a presença da estátua e, em particular, a descoberta de uma cabeça de guerreiro galaico, leva-nos a considerar a hipótese do proprietário da *insula* ter sido um indígena, de uma das linhagens mais ilustres, que governavam o povo dos *Bracari*.

Estes dois elementos de estatuária foram estudados e publicados por Ana Bettencourt e H. P. Carvalho (1993-94).

Não concordamos, pois, com a hipótese das autoras segunda a qual seriam elementos transportados de um *oppidum* próximo. A estátua sedente representava uma divindade indígena masculina dos *Bracari* e a cabeça de estátua galaica a memória de um antepassado comum. Recordamos, mais uma vez, que como indica o próprio nome da cidade, esta fundamenta-se numa estreita aliança entre o poder romano e as elites locais, pelo que o achado dos elementos escultóricos não é insólito, mas pelo contrário, confirma a deslocação de famílias autóctones importantes para *Bracara*.

Enquanto que a nordeste, o emigrante Celico Fronto reforçava os seus laços com o espaço bracarense, edificando um belíssimo santuário. A sul, noutra *insula*, o proprietário conserva na sua *domus*, elementos simbólicos que o relacionam com as suas raízes ancestrais. Curiosamente, é na necrópole da Avenida Imaculada Conceição que Alain Tranoy e Patrick Le Roux identificam a maior percentagem de estelas funerárias de *Bracari* (1989/90), duas delas com referência a castella (C invertido).

Para oeste desta *insula*, estendiam-se campos de cultivo até à zona da rotunda da Praça do Condestável (fig. 1, n.º 16). Para norte da rotunda configura-se uma nova sequência que adiante descrevemos.



## 7

## Sector Sudoeste

Nesta zona dispunha-se a ampla necrópole de Maximinos (fig. 1, n.º 17), na qual já se identificaram numerosas sepulturas, em ocasiões distintas: obras diversas; no alargamento da Rua do Caires, em 1979 e 1980; em 1981 nos caboucos do edifício designado Centro Comercial Gallaecia; na área da Rotunda de Maximinos, no espaço onde hoje se ergue um edifício de escritórios e habitação. Todas estas sepulturas foram estudadas por Manuela Martins e Manuela Delgado (1989-90). Finalmente, devido à abertura do túnel sob a rotunda de Maximinos foram encontradas novas sepulturas<sup>11</sup>. Esta necrópole não se alongava muito para ocidente, pois não foram descobertos enterramentos nem durante os desaterros para a construção do edifício dos CTT, nem, em 2003, nas fundações da PS11, viaduto que sai da rua Lopes Gonçalves e galga a linha de caminho de ferro, bem como a variante à EN14. Supomos que esta zona seria uma área de cultivos. A julgar por diversas informações referidas por M. Martins e M. Delgado (1989/90), no Monte das Penas (fig. 1, n.º 18), ou seja, dominando a necrópole da *Via per Loca Maritima*, que se dispunha a nordeste, terá existido um edifício que incorporava uma inscrição monumental (CIL II, 2428), entretanto desaparecida. Este, tanto poderia ser um mausoléu como um templete.

## 8

## Sector Oeste

Da porta oeste da urbe, no fim da Rua de S. Sebastião, saía o caminho para o litoral, a *Via Per Loca Maritima*, que corresponde ao caminho medieval designado por Calçada da Naia (fig. 1, n.º 19). A norte do local da porta, mesmo junto à muralha, foi localizada o que parece ser uma lixeira, quando se procedeu ao acompanhamento dos desaterros de um prédio da Rua da Cruz da Pedra.

Nos dois lados da via para o litoral estendia-se a necrópole que descrevemos no item anterior.

No mesmo alinhamento da Porta, ou seja voltado a ocidente situava-se o anfiteatro (fig. 1, n.º 20), localizado por Rui Morais (2001).

Para noroeste do anfiteatro, para lá da linha de caminho de ferro, junto à antiga Rua Capitão Alberto Matos poderá conservar-se um núcleo habitacional romano (fig. 1, n.º 21), que dispunha de um amplo *fundus* próprio. O acesso a esta, e outras *villae*, fazia-se por uma via, que foi detectada na Rua Capitão Alberto Matos, aquando da abertura da variante à EN14. Porém, neste caso já não seria uma *insula*, mas sim uma *villa* suburbana, apesar da escassa distância aos limites da cidade (entre 200 a 300 metros).

## 9 Sector Noroeste

Este sector é o menos conhecido, talvez porque tem havido pouco revolvimentos em espaços tão amplos como o Campo das Hortas e os jardins dos Biscaínhos. Por outro lado convém referir que não houve qualquer acompanhamento, como seria desejável, das urbanizações nos terrenos que pertenciam à Casa dos Cunha Reis, o que muito se lamenta. Recentemente, foi descoberto o balneário pré-romano da estação (fig. 1, n.º 22). Porém, devemos admitir que esta estrutura não terá perdurado para além das primeiras décadas do século I. A localização de um conjunto de calçadas, orientadas de acordo com os eixos do cadastro romano, leva-nos a concluir que mais tarde esta zona seria uma área de terrenos de cultivo, tanto mais que se tratava de terrenos férteis, irrigados pelas águas que desciam das vertentes setentrionais da colina, onde se instalou a urbe. Recordamos o topónimo Campo das Hortas e a imagem de campos de cultivo que nos é facultada pelos mapas de Georg Braun (séc. XVI) e de André Soares (séc. XVIII).

## 10

## Conclusões

Como se pode verificar a envolvimento de *Bracara Augusta* possuía uma matriz específica, estava ordenada, em função do conjunto de vias que irradiava da urbe. Por sua vez, estas vias eram marginadas por necrópoles, de acordo com as normas do urbanismo romano. A dimensão dessas necrópoles era variável. A mais relevante seria a da Via XVII, para *Aquae Flaviae*. No espaço livre, compreendido entre as necrópoles dispunham-se *insulae*, cuja área também seria variável, embora conjugassem as zonas habitacional e artesanal. De acordo com os dados arqueológicos, ainda que nenhuma destas *insulae* tenha sido integralmente escavada, a orientação do edificado estava em acordo com a malha de *Bracara Augusta*. Pelos achados da *insula* da Fonte do Ídolo e da situada junto à Avenida da Imaculada Conceição, podemos admitir que, os seus proprietários seriam personalidades de relevo na urbe bracarense.

Os campos de cultivo, provavelmente hortas que abasteciam a cidade e para as quais drenavam as cloacas, formavam um espaço aberto, em contraste com as necrópoles, as *insulae* e os equipamentos de lazer como o anfiteatro e o circo.

Este ordenamento do espaço contíguo à urbe corresponde a uma matriz racional e pragmática, típica do saber romano.

De acordo com os indicadores disponíveis, este ordenamento manteve-se na Antiguidade Tardia. A muralha erguida no Baixo Império, apesar da sua robustez e importância militar não formava uma barreira urbana, conforme já sublinhámos em 2002, em Idanha-a-Velha, no “Seminário sobre Antiguidade Tardia”<sup>12</sup>. Provavelmente a única alteração introduzida terá sido a abertura de um corredor externo, junto à muralha, para circular os grupos de militares, em caso de ataque à cidade, ocorrendo a ponto mais frágeis. Este corredor foi documentado, junto ao pano externo da muralha em dois pontos: no Largo João Peculiar (Fontes et al. 1997/98); num prédio da Rua Paio Mendes (Lemos e Fontes 2003).

Na Alta Idade Média, o espaço fora de muros terá sido reorganizado, quer em consequência do abandono dos enterramentos ao longo dos caminhos, quer pelo novo destaque dos templos martiriais, de tal modo que passam a predominar os terrenos de cultivo que cobriram as ruínas e as necrópoles romanas até ao século XX.

## Bibliografia Citada

- BETTENCOURT, A. M. S. e CARVALHO, H. P. A. (1993/94) – Estátua sedente e cabeça de guerreiro galaico da região de Braga, *Cadernos de Arqueologia*, II Série, 10-11, Braga, pp. 279-281.
- DELGADO, M. (1984) – Sepultura romana encontrada junto ao Largo Carlos Amarante, Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão, *Lucerna*, Porto, pp. 179-196.
- DELGADO, M.; F. S. Lemos e M. Martins (1987) – Escavações de emergência na necrópole romana da Cangosta da Palha, *Cadernos de Arqueologia*, II Série, 4, Braga, pp. 179-186.
- LEMOS, F.S. e FONTES, L. (2003) – Intervenções em *Bracara Augusta*: sondagens na Cerca do Seminário de Santiago e na Rua Paio Mendes, in *Actas do IV Encontro Nacional de Arqueologia Urbana (2000)*, Amadora, pp. 117-125.
- FONTES, L.; LEMOS, F. S.; CRUZ, M. (1997/98) – “Mais velho que a Sé de Braga”. Intervenção Arqueológica na catedral bracarense: notícia preliminar, *Cadernos de Arqueologia*, II Série, 14-15, Braga, pp. 137-164.
- LEMOS, F. S. (2001) – Arredores de *Bracara Augusta* – escavações arqueológicas na necrópole de S. Vítor, no contexto da via romana para *Aquae Flaviae*, *Forum*, 29, Universidade do Minho, Braga, pp. 9-38.
- LEMOS, F. S. e LEITE, J. M. F. (1994) – Relatório dos trabalho arqueológicos realizados na Quinta do Fужacal em 1993, Unidade de Arqueologia da UM, Braga.
- LEMOS, F. S. e LEITE, J. M. F. (1995) – Relatório dos trabalho arqueológicos realizados na Quinta do Fужacal em 1994, Unidade de Arqueologia da UM, Braga.
- LEMOS, F. S.; M. Delgado e M. Martins (1988) – Sondagens arqueológicas no Largo do Paço, Braga, *Cadernos de Arqueologia*, II, 5, Braga, pp. 69-78.

- LEMOS, F. S.; MARTINS, M.; FONTES, L. O.; LEITE, J. M. F. (2002) – A Muralha de Bracara Augusta e a Cerca Medieval de Braga, in *Actas do Simpósio Internacional Sobre Castelos. Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica (500-1500)* (Palmela, 3 a 8 de Abril de 2000), Câmara Municipal de Palmela e Instituto Português do Património Arquitectónico, pp. 121-132.
- LEMOS, F. S.; MARTINS, M.; FONTES, L. O.; LEITE, J. M. F.; e CUNHA, A. (2002) – A muralha romana de Bracara Augusta, *Arqueologia Militar Romana en Hispania, anejos de Gladius*, Madrid, pp. 609-625.
- MARTINS, M. e M. Delgado (1989-90) – As necrópoles de *Bracara Augusta*: os achados arqueológicos, *Cadernos de Arqueologia*, 6/7, Braga, pp. 41-186.
- MARTINS, M. e M. Delgado (1989-90a) – História e Arqueologia de uma cidade em devir: *Bracara Augusta*, *Cadernos de Arqueologia*, II, 6/7, Braga, pp.11-38.
- MORAIS, R. (2001) – Breve ensaio sobre o anfiteatro de *Bracara Augusta*. Análise dos fotogramas de 1964, *Forum*, 30, Braga, pp. 55-75.
- NUNES, H. B. e E. Oliveira (1988) – Documentos de *Bracara Augusta*. O Cónego Arlindo Ribeiro da Cunha e a Defesa do Património Arqueológico de Braga, *Cadernos de Arqueologia*, II, 5, Braga, pp. 93-152.
- TRANOY, Alain e LE ROUX, Patrick (1989/90) – As necrópoles romanas de *Bracara Augusta* – Les inscriptions funéraires, *Cadernos de Arqueologia*, 6-7, Universidade do Minho, Braga, pp. 183-230.

## Notas

<sup>1</sup> De certo modo este artigo desenvolve as sucintas considerações sobre “os bairros extra-muros” apresentadas por Manuela Martins e Manuela Delgado (1989/90).

<sup>2</sup> Dados inéditos, escavações efectuadas pelo Gabinete de Arqueologia da CMB.

<sup>3</sup> Sondagens realizadas sobre a orientação do Dr. Luís Fontes. Relatório enviado ao Instituto Português de Arqueologia .

<sup>4</sup> Escavações dirigidas por Armandino Cunha da CMB.

<sup>5</sup> Dados inéditos.

<sup>6</sup> Dados inéditos; intervenção de salvamento dirigida por Manuela Martins e Francisco Sande Lemos.

<sup>7</sup> Dados inéditos; trabalhos arqueológicos realizados sob a orientação de Armandino Cunha, do Gabinete de Arqueologia de Câmara Municipal de Braga.

<sup>8</sup> Dados inéditos: escavação orientada por Francisco Sande Lemos.

<sup>9</sup> Acompanhamento efectuado pela Dra. Alexandra Gaspar.

<sup>10</sup> Esta intervenção da UAUM foi dirigida por Francisco Sande Lemos. Os dados permanecem inéditos.

<sup>11</sup> Escavações orientadas por Armandino Cunha da CMB.

<sup>12</sup> Colóquio promovido pela Câmara Municipal de Idanha a Nova, realizado entre 2 e 4 de Maio de 2002, na antiga Egitânea, onde apresentámos, em colaboração com José Manuel Freitas Leite e a convite da organização uma ponência sobre a “Muralha do Baixo Império de *Bracara Augusta*”.

